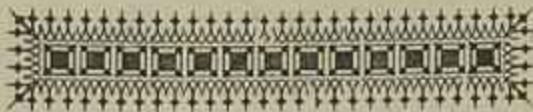


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega	23.º Anno — XXIII Volume — N.º 771	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. da Poça Nova, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Oc- cidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*			
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	5120	30 DE MAIO DE 1900	
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Tivemos o eclipse a tempo e horas, com uma pontualidade astronómica.

A lua nova não trouxe chuva e o espectáculo, que, aliás, não podia ser contra-annunciado nem addiado para outro dia, realçou-se com todo o esplendor, que é proverbial, quando o empresário é o céu.

Os comboios levaram milhares de viajantes até Ovar e Vizeu, onde o phenomeno foi maravilhoso. De muito longe vieram sabios astrónomos presenciaes e colher observações. Todos contam maravilhas do espectáculo.

Não pudemos vê-lo em toda a sua magnificencia, porque impossível nos foi sair de Lisboa, e temos portanto que esperar com paciencia uns tres seculos e tanto, decorridos os quaes o mesmo phenomeno se ha de realisar impreterivelmente uma outra vez em Portugal.

Como se vê, trata-se apenas de ter paciencia.

Em Lisboa o eclipse não passou d'um pequenino espectáculo curioso, mas modesto, como convem á capital d'um paiz pequeno.

Ainda assim todos falavam durante essa noite e no dia seguinte da luz maravilhosa que o céu vertera pelo espaço de meia hora sobre a terra, da estrella que muitos viram a brilhar quasi no zenith, das sombras das arvores tão modificadas.

Os animaes parece que não deram grande importancia ao caso. Pelo menos os pardaes continuaram sempre cantando e dois gatos vi eu que em nada modificaram o seu ripanso.

Como a todos pedem informações dou as que pude colher.

Susto só o conheci na minha cosinheira, que se pôz a chorar. E como ouvia outros a rir, disse por entre lagrimas:

— Pois sim, façam troça; mas, quando todos, um dia, formos feitos em torresmos, hão de ver que eu tinha razão.

(Entre parenthesis: Muitos, querendo provar erudição, mostraram-se mais tolos que os assustados. O que se disse... e o que se escreveu!)

E foi a lua tão pacata, tão casta, a pallida lua cantada pelos poetas e que parece que não quebra um prato, que pôz agora em reboliço os sabios de todo o mundo e desinquietou de seus lares alguns milhares de portuguezes!

Verdade é que foi a lua nova e essa, realmente, nunca mereceu aos poetas a consideração de sua irmã mais velha, a fonte do luar, a que arrebatava os olhos das mulheres, a que suavisa as paizagens, a que se reflecte no mar e produz o que em portuguez tem o nome mais lindo, a tremulina.

Ha sua differença entre uma e outra. Talvez até por inveja é que a lua nova, de quando em quando, nos tapa o sol, que só tem o beijo dos seus raios para a outra, n'uma tal fidelidade amorosa, que difficilmente iremos encontrar igual fóra d'esse poema, inveja de todos os poetas, que nunca hão de fazer coisa parecida, e que se chama a astronomia.

A meia noite, pouco mais, chegou o comboio de Ovar.

Bella jornada! Um ou outro contra-tempo insignificante não chega para macular a lembrança d'umas horas excellentemente passadas. Um dia de maio esplendido, uma viagem magnifica atra-

vez os campos que a primavera encheu de magnificencias! E ainda por cima, um espectáculo unico, maravilhoso, que o bom tempo permittiu fosse observado sem a ameaça d'uma so nuvem que viesse empanar-lhe o brilho.

Alguns ouvimos, que descreviam o eclipse a que haviam assistido ainda cheios de commoção pela belleza grandiosa do phenomeno.

Todos haviam lido anteriormente as descrições feitas por varios jornaes e o folheto tão intelligentemente elaborado pelo sr. Frederico Oom, distincto astrónomo do observatorio da Tapada. Mas os grandes espectaculos que a natureza nos offerece são sempre superiores a todo o discripto, nenhum pôde ser com perfeição fantasiado, por muito poderosa que seja a imaginação.

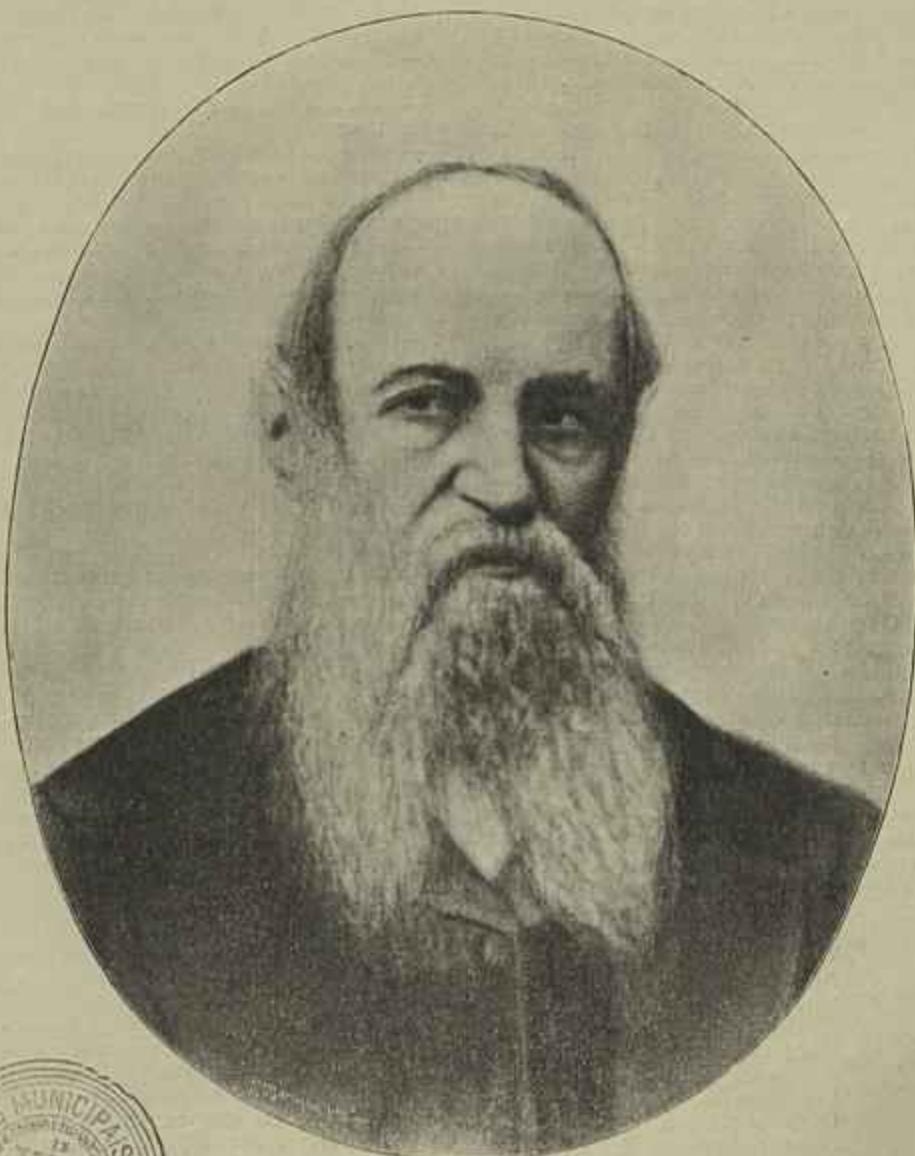
Uma viagem de recreio.

Foi a primeira d'este verão; mas o tempo d'ellas vem chegando.

D'aqui a pouco, são as grandes feiras, as toiradas fóra da terra, os grandes festejos. E o S. João em Evora, são as festas da Rainha Santa em Coimbra, são as toiradas em Badajoz. Os comboios apinhados vão deixar as estações de Lisboa, assobiar por esses campos do Ribatejo e charnecas alemtejanas, levando gente alegre, a que o bom sol do verão põe um grãosinho na aza, depois d'um tão prolongado inverno, que até parecia não querer ter fim.

Estavamos em maio e era chuva e era frio... Temos o verão finalmente comnosco, agora já não ha duvida.

O verão! O verão outra vez! Como o tempo passa! Parece que ainda hontem falavamos aqui, n'esta chronica, dos dias de calor, das batotas de Cascaes, das praias e de seus divertimentos, e tudo isso cá está outra vez batendo á porta de muitos!



ANTONIO RIBEIRO SARAIVA



E, coisa rara, para aquelles a quem mais devagar passam os dias, mais depressa o tempo corre. Parece absurdo e é tão verdade! Horas compridas de dias monotonos, sempre os mesmos, não deixam marco algum por onde depois se avalie a perspectiva do tempo. E os annos feitos de horas sem fim parecem curtos.

Os felizes são aquelles para quem os dias são curtos e os annos são longos. São esses os que vivem mais. Os outros terão uma compensação na ultima hora, com menos saudades.

O inverno já lá vai de vez, apesar dos mãos agoiros do successor do saragoçano, que ainda dava chuvas e trovoadas para o fim de maio.

O verão cá está, com seu bello sol e até algum calor demasiado.

Já despontaram nas ruas da Baixa os primeiros chapéus de palha.

Quer isto dizer portanto que temos grande reboliço em tudo quanto diz respeito ao que nas diferentes épocas do anno atrabe o publico. Um chapéu de palha é como um toque de corneta.

Das senhoras também já algumas apresentaram as modas novas da estação. Bem feias por signal... ou por emquanto.

Os theatros são geralmente os que maiores modificações apresentam n'este decahir do inverno e rejuvenescer dos calores.

Do theatro D. Amélia, terminadas as recitas da companhia Giovannini tomará conta uma empresa dirigida pelo Pedro Cabral, que levará á scena uma magica *A Princesa Encantada*.

Os sociarios do theatro de D. Maria continuam no Porto. O theatro ficará fechado até outubro.

Na Rua dos Condes ensaia-se a magica *O Dente do Maçarico*, original de Eduardo Schuwalback, na qual se ha de estreiar em Lisboa, cantando e representando em portuguez, a actriz Maria Gonçalves, a *Portuguezita*, que tão celebre foi em Hespanha como cantora de zarzuela.

A companhia de Alfonso Taveira partiu para o Brazil. José Ricardo tomará conta do theatro da Trindade.

No Colyseu continua chamando muita gente a excellente companhia de opera lyrica.

E eis o que ha de mais importante com relação a espectaculos theatraes.

Outro, porém tivemos, que muito chamou a attenção dos lisboetas: o homem que se enforca, que enforcado se mostra a tostão, e que se gaba de poder estar mettido n'um caixão, sem comer, sem beber, sem se mexer, durante nove dias... a tostão sempre.

A primeira experiencia já elle a fez, a segunda promette realisal-a brevemente no theatro D. Amélia.

Ha gente extraordinaria! Já o Tanner jejuava para comer, este agora enforca-se para viver!

E disse eu que ha gente extraordinaria! Mas isto é tudo o que ha de mais ordinario. Metade da população mata-se para viver. Mas não se mata a tostão, ás vezes mata-se por muito menos, e até de graça, e até perdendo dinheiro!

O verão com respeito a novidades pouco mais nos poderá trazer e ver-nos-hemos obrigados a ir buscar fóra alguma noticia de sensação. Não é difícil; nós já importamos tanta coisa...! E por emquanto as novidades ainda não pagam direitos na alfandega. Mas não tardará; a reportagem é industria que tanto pôde pretender a protecção da pauta como qualquer outra.

A guerra do Transvaal e a exposição de Paris promettem não nos deixar tão pobresinhos de recursos que não tenhamos com que encher duas columnas do OCCIDENTE.

Um só contra: a guerra, desde que principiam as victorias dos inglezes deixou de interessar a população; da exposição não vale apenas dar noticia, porque, segundo consta, toda a gente vai para lá.

Então que faremos? De que receita havemos de usar?

Nos bons tempos das *Guerras do Alecrim e Mangerona* havia o recurso do latim, quando o Semicipio se viu atarantado e não atinava com melhor maneira de sahir de embaraços. Imitaremos o latim d'elle.

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asnamus,
Sed de alecrinis
Et mangeronis
Recipe quantum
Satis aná.
Credite mihi
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

João da Camara.

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

Com o peso dos seus noventa invernos falleceu em Paddock House, St. Peters, no condado de Kent, a 15 de dezembro de 1890, um dos melhores caracteres que a terra portugueza tem deitado de si, o honesto, o bom, o talentoso, o desinteressado e dedicadissimo Antonio Ribeiro Saraiva.

Apesar de militar sempre no vencido partido absolutista, apesar de guerrear com a palavra e com a penna as idéas constitucionaes, apesar de se achar, nos seus ultimos annos, quasi inteiramente esquecido das gerações novas na terra que o viu nascer, foi a sua morte uma perda nacional.

Aquelle grande isolado, apartado do numero dos vivos, e combatendo pela causa do senhor D. Miguel, aquelle desvalido, aquelle cego, aquelle pobre, era um exemplo para todos nós.

Exemplos assim não são frequentes hoje em dia, quando os interessiculos nos dominam a todos, e quando o pugnar por um principio morto, o viver abraçado a uma crença e a uma cruz, é coisa fossil, obsoleta e ridicula.

Teve o auctor d'estas linhas a felicidade de o conhecer. Apenas chegado a Londres, em 1881, dirigiu-se, como a uma peregrinação piedosa, á humilde casa onde o valoroso paladim das idéas antigas morava, n'um arrabalde apartado.

Introduzido logo, achei-me n'um pequenino gabinete, orlado de estantes de livros desde baixo até cima. A uma banda ardia um fogão, e junto d'elle escrevia a uma meza, atraz de um biombo que o resguardava do ar da porta, aquelle grande velho que eu buscava.

Solemne figura! um ancião magro, de estatura um pouco abaixo do mediano, com uma bella barba de prata, e as maneiras dôces e affaveis de um ermitão.

Surprehendido assim no meio do seu trabalho litterario, de que tirava a subsistencia, interrompido na tarefa por um adventicio, seu desconhecido pessoal, sorriu com benevolencia, ao saber que o procurava um homem de Lisboa.

Inclinando-me, perguntei respeitoso:

— E' ao sr. Ribeiro Saraiva que tenho a honra de estar falando?

— Sim, sou eu; não se quer sentar?

Sentei-me.

— Vejo que é um portuguez; é sempre tão agradável para mim ver um patricio! O seu nome?

— O meu nome? ora ahí está o que eu não digo; v. ex.* é que me ha de dizer quem sou.

— Eu? voltou elle, pondo a penna no tinteiro e voltando-se todo para mim.— Mas não creio que nos vissemos nunca... pelo menos não tenho idéa...

— Não, nunca nos vimos, mas somos amigos; temo-nos escripto muito; tenho um culto pelo caracter de v. ex.*, e, chegado a Londres hontem á noite, a minha primeira visita é esta.

— Sim? dizia o velho com urbanidade carinhosa. Mas dê-me um clarão, um fio, uma referencia; o seu nome?

— Não o digo; v. ex.* é que me ha de dizer quem eu sou.

— Mas como?

— Pergunte a si proprio; pergunte ao seu coração; pergunte ás suas saudades; pergunte ás memorias do seu querido amigo Castilho, quem eu sou.

— Qué? V. é Fulano?

Levantou-se e apertou-me ao seio D'aquelles olhos amortecidos e cañadissimos caíram lagrimas senis, que lhe resvalaram na barba branca. D'aquella bocca, saíram, como caricias, e no mais vernaculo portuguez, que sessenta annos em Londres não tinham conseguido avariar, as saudações mais hospitaleiras o cordeaes. Momentos assim, não esquecem nunca.

Não tenho elementos para contar aqui aos leitores a biographia completa do grande homem. Sei que nasceu em Sernancelhe, comarca de Trancoso, a 10 de junho de 1800, filho do conselheiro José Ribeiro Saraiva, de-embargador da Casa da Supplicação; sei que tinha, por herança paterna, o fóro de fidalgo cavalleiro; sei que se formou em direito, e sei que se achava em Inglaterra como secretario da legação do senhor D. Miguel, em 1828.

Quando o governo absolutista deixou de ser reconhecido pelo gabinete britannico, sei que Ri-

beiro Saraiva, desprezando propostas dos seus amigos, passou a viver obscuro em Londres, tirando a sua magra subsistencia de traducções inglezas que escrevia para algumas chancellarias estrangeiras, e de uma modestissima percentagem de vinhos nacionaes que alguns correligionarios do reino, por commiseração, o encarregavam de ir vendendo aos seus conhecidos.

Nunca este sublime exilado conheceu a riqueza, a mediania, sequer; conheceu, sim, uma existencia apertada, mesquinha, tormentosa.

Como compensação aos dissabores, era de ver a maneira especial como a alta aristocracia ingleza o apreciava, o convidava, o distinguia, o amava. Como conjuncto, como nação, não ha paiz mais egoista e prepotente do que a velha Albion. Individuos, não os ha melhores do que os inglezes; a familia ingleza respeita as crenças alheias, e acata, seja em quem fór, a lealdade civica e o cumprimento dos deveres sociaes, religiosos e politicos.

Por isso, Antonio Ribeiro Saraiva, o desvalido portuguez vencido, quasi mendigo, mas fiel á sua bandeira branca, era venerado pelas grandes familias da opulenta Londres.

Mendigo aqui é força de expressão. Elle nunca mendigou, fosse a quem fosse. Sempre de cabeça erguida, teve a virtude de ver na sua pobreza uma nobreza rara, na sua cossada sobrecasaca uma farda gloriosa, na sua meza austera um passadio de espartano.

Não é, pois, sem razão que escrevi, poucas linhas acima, que a vida de Saraiva era um exemplo para todos nós, e a sua perda uma perda nacional.

Eis ahí o homem moral.

No homem intellectual não havia menos que admirar.

Bastava conversar com elle uma hora para se perceber a força d'aquellas facultades. Convicção, eloquencia persuasiva, ninguém a tinha como elle.

Creado á antiga, bom sabedor e cultor do seu latim e do seu portuguez, conhecedor do francez do inglez, que falava peregrinamente, e do allemão, sabia de cor os bons auctores; versava com facilidade; lia com conhecimento de causa.

No emtanto, e por mais que o namorasse a litteratura, a sua tarefa absorvente era a politica. A's polemicas politicas, ora em artigos de jornaes, ora em vigorosos pamphletos de occasião, consagrava toda a pujança do seu talento.

Teve desgostos com os membros do seu proprio partido; porquê? não sei dizer; mas sei vagamente que provinham da sua maneira peculiar de apreciar certos planos partidarios. Quem tinha razão? não posso decidir; o que affirmo é que muitas intelligencias de equal plana, e muitas dedicações de equal calor, não contou por certo a nobre parcialidade miguelista. Pois pode ufanar-se de ter contado intelligencias e dedicações notabilissimas!

Já falei muito d'este eminente portuguez no meu livro *Memorias de Castilho*; agora só accrescentarei o seguinte:

Era tal o condão de virtude que se estillava da pessoa e do trato de Antonio Ribeiro Saraiva, que os seus mesmos adversarios politicos mais ferrenhos o respeitavam e amavam do fundo d'alma. Basta um exemplo: Castilho.

Pouco depois das respectivas formaturas, o destino separou para sempre os dois intimos amigos de adolescencia. Nunca mais tornaram a vêr-se, mas nunca deixaram de se corresponder e de se comprehender. Ahí estão os dois volumes *Saraiva e Castilho*, que o attestam.

Tinham passado, como um sonho, os dias felizes e descuidados de Coimbra; as guerras do *alecrim e mangerona* dos Elmanistas e Filintistas; os passeios ao O da ponte; os brihantes oiteiros da sala dos capellos; os devaneios ao luar até ao Penedo da Saudade; as viajatas arcadicas, Mondego acima, até á Lapa dos Poetas; as guitarra-das em Coselhas; emfim, todo aquelle mundo de nadas deliciosos de que se fóra a chronica da estudantina. Tinha fugido tudo isso; os dois amigos eram dois homens feitos. Se, comtudo, os dissociavam as crenças, é bem certo que os corações nunca deixaram de palpitar um pelo outro; amor que sabe honrar a ambos: o miguelista intransigente e o convicto constitucional.

No seu conjuncto, é a longa vida de Ribeiro Saraiva uma grande lição.

N'aquelle austero servidor dos principios que

elle reputava os melhores, e os legitimos, havia o sublime do primitivo caracter portuguez,

homem de um só parecer,
um só um rosto, uma só fé,
de antes quebrar que torcer.

Apontal-o, pois, por esse lado, aos filhos degenerados da nossa era decadente, collocal-o no elevado pedestal que elle merece, é dever da Imprensa sizuda.

Entre o ir e vir das revoluções, entre o fazer e desfazer dos corrilhos, entre as defeições dos amigos antigos, entre os materialismos selvagens que nos dominam, entre as tyrantias que as nações poderosas perpetraram contra os fracos, entre este medonho estafellar das crenças puras de um Portugal que foi, que espectáculo sublime não é este, de contemplar com os olhos da alma um honesto como Ribeiro Saraiva, martyr das suas convicções, e dando por ellas todo o seu engenho, todo o seu trabalho, toda a sua brilhante carreira na diplomacia, toda a sua possivel gloria litteraria, todos os lucros de uma feliz existencia, todas as amargas nostalgias do exilado!

Sim; por um principio deu tudo, e sem regatear.

Morreu no seu posto, abraçado á sua cruz.

E foi tal o merito moral d'este homem singular, que até nós outros, os que divergimos na interpretação dynastica, nós, adversarios d'elle, temos muito que lhe agradecer: o exemplo da abnegação.

Julio de Castilho.

POESIAS DE ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

O NATAL NA MINHA TERRA

A minha terra é Sernancelhe, na Beira Alta, bispado de Lamego, comarca de Trancoso; villa acastellada, muito nobre e antiga.

1. Irmã gemea da saudade,
Memoria de horas gostosas,
Ou de amor, ou de amizade,
Ou de puericia miniosas,
2. Vem dar-me suave auxilio
No mais favorito empenho,
Que hoje, na terra do exilio,
Pensando na patria, eu tenho.
3. Lembra-me as scenas, fagueira,
De innocência e de alegria,
Que outr'ora, na minha Beira,
Sacro Natal me trazia.
4. Vinha a Festa desejada
Em proprio tempo chegando,
E talvez era acusada,
Porque não vinha voando!...
5. ; Como se, quando passasse,
Na saudade e na lembrança
Melhor prazer nos deixasse
Que os de risonha esperança!...
6. ; Quanto agora lhe hei notado
Diferença bem sensivel,
Ao avocar um passado
Que é já futuro impossivel!...
7. Assim mesmo, eu te bem-digo,
Adoravel Providencia,
Nos gozos que traz con-sigo
Amena reminiscência!
8. Veu, Senhor, vou transportar-me
Aos annos que se esvahiram;
Venham de novo alegrar-me
Alegrias que fugiram!...
9. Hei-de gozal-as, presentes,
Por graça da phantasia,
Consoladora de ausentes,
Fada amiga da poesia.
10. Resuscitem, reflorem,
Górias de idades saudosas...
; Antes que se desvançam
Quão pouco, homem-gurme, as gozas!
11. Mal despontante bucinho
Trocado em barba desejas;
Oh! que mal sabes, louquinho,
O que aos adultos invejas!...
12. Com annos virám cuidados,
E talvez árduos deveres,
Que tornarám mui aguados
Do Natal mesmo os prazeres
13. Mas, ah! por hoje deixai-me,
Importunos pensamentos;
Trégoas ao animo dai-me,
Tristes, graves sentimentos.
14. Por cima de annos e mares
Hoje na idéa saltemos;
Ao mimo dos pátrios lares,
A' tenra idade voltemos.
15. Foi sempre, da mocidade,
Da meninez, da innocencia,
O Natal na christandade,
A Festa por excellencia:
16. Ninguem toma tanta pena,
Se põe tanto em movimento,
Como a Geração Pequena
No Sagrado Nascimento.
17. Ao pinheiro rezinozo
Lá trepa moço atrevido,
Buscando o fructo invernosoz,
Nas nuvens quasi escondido;
18. Vara annelada na ponta
Leva no braço pendente,
Com ella a distancia affronta
Do ramo o mais eminente;
19. A cada golpe que emprega,
No chão baqueia uma pinha,
Em quanto em baixo o collega
Os dous cestos enche asinha.
20. É guardado em condecilha
O fructo assim apanhado,
Para fazer-se a partilha
Quando o Natal fór chegado;
21. Só algum desde já serve
Do tempo nos mimos vários,
Para os quaes fabrica ferve
De ramos, palmas, rosarios.
22. Na alegre manufactura
Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
Brita-lhe a noz a donzella.
23. Dêdos mais brancos e lisos
Do que os pinhões debulhados
Vam d'estes, entre sorrisos,
Flores formando e bordados
24. Com sua baga vermelha,
Sempre-verde gilbarbeira,
Pela folha, que semelha
Ferro de lança guerreira,
25. Entra n'estes artificios;
E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
Desdenha artista engenhoso;
26. Ao ramo de esteril planta,
Inda ha pouco toda espinho,
Fada, que os olhos encanta,
Dotou-lhe o fructo do pinho;
27. Que affim, com arte mesclado
De amendoas, passas, e figos,
Vai ser presente estimado
Entre impúberes amigos,
28. Yas eil-o amanhece o dia
Vinte e quatro de dezembro!...
Com doce melancholia
D'elle saudoso me lembro!...
29. ; Me lembro?... Não; vejo, sinto,
Gózo, no paterno tecto,
Muito melhor do que o pinto,
Este dia predilecto:
30. Dia, em que o rico, o artesano,
O parochio, o cavalleiro,
O lavrador, o paisano,
Mesmo o simples pegureiro,
31. Cada qual, humilde ou nobre,
Em ledo apresto se empenha,
(Sendo, talvez, o do pobre
Feixito de séca lenha!...
32. Logo desde a madrugada,
Hoje sempre a mais tardia,
Que a alegre festa ó chegada
Tudo em casa me annuncia.
33. Já da cama toda a gente
Sahiu com risonha cara;
Amo trabalha e servente,
Tudo lida e se prepara.
34. Giram todos sem paragem;
Abre-se a porta cem vezes;
Vai recado, vem mensagem,
Por vinte môgos cortezas.
35. Chegam, quaes foros antigos,
Mimos «para os seus creados»,
Entre parentes e amigos
Na quadra sempre trocados.
36. Costumeiros vem condeça
Ou cesto da Tia Freira,
Com os da Madre-Abadessa
Do Convento da Ribeira;
37. Que offerta, em phrases modestas
De carta mui bem dictada,
Suas doces boas festas
A toda a Familia honrada.
38. Vejo (porque as imagino)
Diversões que eu tanto amava,
Quanno joven, ou menino,
Meu quinhão n'ellas tomava...
39. ; Que turma de homens é esta,
Que á villa vem caminhando,
Rindo e cantando de festa,
Carro triumphal puxando?...
40. Trazem o cépo, que ardendo,
Durante a Missa-do-Gallo,
Da igreja o adro aquecendo,
Servirá de illuminalo.
41. Em torno ao fogo os meninos
Da parochia arrebanhados,
Dançaram, cantando os hymnos
Pelo Natal costumados;
42. E a espagoes a brasa viva,
A' sacra pyra roubada,
Nos dará salva festiva
Por grosso maço estourada.
43. Tambem nos lares caseiros
Menor cépo espargue brilhos,
Secando os gordos fumeiros,
Alegrando pais e filhos:
44. D'elle em roda se enfileira
A verde guardada pinha,
Que ao fogo aquecendo, cheira,
Transudando a loura tinha
45. A joven turba afanosa,
De martello ou seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sôbre a lareira esquentada.
46. Da concha vam-se extrahindo
Os pinhões emparelhados,
Que desde já vam servindo
Em par ou pernão jogados.
47. Repartidos irmamente,
Pelo bando galhofeiro,
Vam ser moeda corrente,
De jogos taes o dinheiro.
48. Nem que fossem contas de ouro,
Travar-se ha viva porfia,
Para augmentar seu thesouro
Cada qual na loteria,

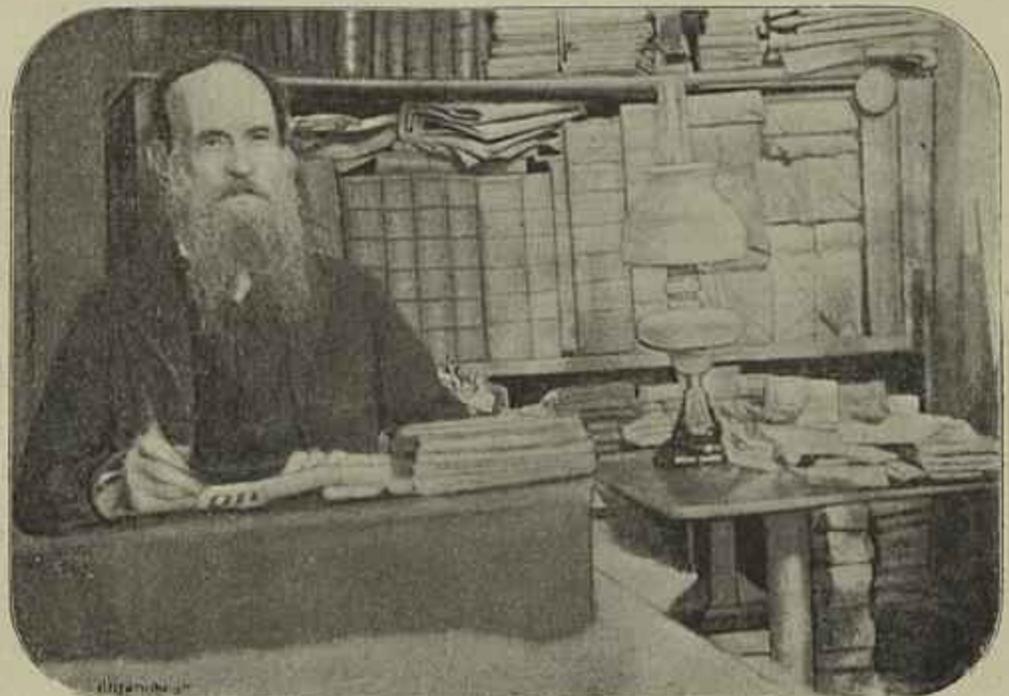


ANTONIO RIBEIRO SARAIVA EM 1849

49. Entre os *nones* e entre os *pares*
Bilrará leve *Caruna*,
Distribuindo os azares
De caprichosa fortuna.
50. *Rapa, Deixa, Põe, ou Tira*
Geram empenhos mais sérios.
Que se ali se discutira
Sorte de grandes impérios.
51. O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruído,
Que cem pobres n'um palheiro
Depois de haverem comido.
52. Agora os jogos deixemos
Da contente juventude,
Porque outras scenas gozemos
De caridade e virtude.
53. Vamos á mansão piedosa
De gente nobre e abastada,
Ver como á necessitosa
Se prepara a *consoada*
54. Mostra salão espaçoso
Vasilhas muitas e vastas,
Com provimento abundoso
De mimos de varias castas.
55. Em famosa quantidade,
Aquella canastra immensa
Contém de orelhas de abbade
Em branco linho a despena.
56. Ao pé grande vaso é posto,
D'onde, em calda o mel tornado,
Prestará doçura e gosto
Ao coscorel engelhado.
57. De uvas, maçãs, nozes, figos,
Passas, castanhas piladas,
E de outros que taes artigos,
Ha sacos e canastradas.
58. Damas da casa e donzellas
Liberaes vão repartindo,
Em cada qual das parellas
Porção de tudo incluindo.
59. Portadores diligentes,
Em seus trajos domingueiros,
Andam levando os presentes,
Mui lesto e prazenteiros;

60. E no alvergue da pobreza,
Da viuva na pousada,
Terá hoje a parca mesa
Saborosa consoada.
61. Vai coscorel por cabeça,
Em prato muito lavado,
Sem que o bastante careça
Do seu mólho açucarado.
62. Assim dos outros regalos
Entra a proporção devida;
A mão que soube mandal-os
Não faz mesquinha medida:
63. Faz, sim, com pia destreza,
Que esmola accete, risonha,
Mesmo encolhida pobreza
Que de esmolar se envergonha.

64. Por taes artes bemfazeja,
Logra amavel caridade
Que se abençoé da Igreja
Tão alta Festividade;
65. Ao sentir o desvalido,
Por annuncio tão jucundo,
Que para elle é nascido
O DEUS SALVADOR DO MUNDO!
66. Ultimada alegremente
A distribuição piedosa,
Em sociedade contente
O mais do serão se goza:
67. Canta-se, toca-se, ri-se,
Alvos confeitos circulam;
Nos jogos da meninice
Mesmo adultos especulam.
68. Segue-se em divertimento,
Que horas e fome enfeitiça,
Até que chegue o momento
De correr do-Gallo-á-Missa.
69. Repiques de campanário,
Em sons de jubilo cheios,
Do nocturno anniversario
Vêm suspender os recreios,
70. Eis, no templo illuminado,
Solemnes cánticos soam;
Aos céus em fumo sagrado
Envóltas as preces vdam,
71. Unem-se humanos accents
Aos da música celeste;
Porque os gratos sentimentos
Mundo humilde aos céus atteste.
72. «¡ A DEUS nos Excelsos Glória!
¡ Aos homens na terra paz!»
¡ Salvou se o Mundo! ¡ Victória!
¡ Prostrado o Inferno jaz!
73. ¡ Vêde como se reclina
Em presepe tão rasteiro
Aquella Essencia Divina
Filha do DEUS VERDADEIRO!...
74. ¡ No mais pobresinho abrigo
Quiz nascer tal Magestade!
Porque fez nascer com-sigo
A virtude da Humildade!
75. ¡ Vinde adoral-O, pastores,
O Christo por nós nascido,
Redemptor dos peccadores,
Dos prophetas promettido!

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA, TRABALHANDO NA CAMA,
DEPOIS DE UMA GRAVE DOENÇA, EM 1884



CASA ONDE VIVEU E FALLECEU ANTONIO RIBEIRO SARAIVA, EM RAMSGAT

76. Simples dons offerecei-Lhe,
Prehendendo o santo rito;
Mas, sobre tudo, trazei-Lhe
Coração puro e contrito.
77. Eis, a Missa concluída
Do SANTÍSSIMO co'a Benção;
Eis que todos, a sabida,
Agora na cêa pensam;
78. Depois que ás portas do templo,
Comprimentos prazenteiros
Trocaram, com pio exemplo,
Os peões e os cavalheiros.
79. No que ao lume ferve ou torra
Toça a tirar, em familia,
Boa, completa desforra
Pelo jejum da vigilia.
80. Mostarda não se carece,
Appetite o caso o chama;
O sono um tanto se esquece;
Por fim, vai-se tudo à cama.
81. Na manhã, quando é chegada,
Visitam-se os conhecidos;
Vai toda a gente enfeitada
Com os seus melhores vestidos.
82. Do Natal nos cumprimentos,
Refrescam-se as amizades,
Esquecem-se agastamentos,
Terminam-se inimizades:
83. Fructo do exemplo sagrado
D'este caridoso dia,
Por onde o mundo culpado
Ao céu se reconcilia
84. Farta mesa appetitosa
Logo circundam contentes
A familia jubilosa
E mais chegados parentes.
85. Quando Deus quer, já figura
No jantar bom serrabulho,
Torresmo, lombo em fartura,
O figado, e mais debulho.
86. Porem o rei do serviço
É gordo perum assado,
Já de ha muito, para isso,
No melhor pasto cevado.
87. Honram-se do tempo os pratos
Em libações abundantes,
Ditos agudos e gratos
Jogam-se entre os circumstantes.
88. No luxo da sobre-mesa
É que o Natal sempre brilha;
D'ella co'a maior franqueza
O bando infantil partilha.
89. Na tarde e serão que seguem
Vem de amigos larga roda,
Que em recreações proseguem,
Quaes sugere o tempo e a moda.
90. O chá, que hontem foi solteiro,
Sómente de agua tingida,
Já traz muito companheiro,
De qualidade escolhida:
91. Além da loura torrada,
Pão-nosso de cada dia,
Que parece *Eva* creada
Para ser-lhe companhia,
92. Ricos, vários, mesmo novos,
Em formas, gostos, e cores,
De amêndoa, de fruta, de ovos,
Vem do convento os primores:
93. Mas não', como de outras vezes,
Com o bulle desaparecem;
Alli promptos aos freguezes
Todo o serão se offerecem.
94. Altas horas sam da noite
(Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
A falar de retirada.

EGREJA E CEMITERIO DO MOSTEIRO DOS BENEDICTINOS, EM RAMSGAT
ONDE FOI SEPULTADO ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

95. Razão sóbria, não desejo,
Alfim os adenses pede,
Entre abraços e algum beijo,
O circulo se despede;
96. Mas não sem que o voto emitta,
De que, em ditas augmentado,
De hoje a um anno se repita
Este serão festejado.
97. Tal era antigo Natal,
Que me faz tanta saudade!...
Hoje é crime em Portugal,
E de lesa Liberdade;
98. Repugnam a tal criança
Estas velhas costeimeiras,
De *Idades Livres* herança,
Não de *eras liberdadeiras*.
99. Moderna *philosophia*
Aos povos, para cural-os,
Receita sempre a *sangria*:—
«*Constitucionalizal-os.*»
100. Liberalismo estouvado,
Que tudo o que é bom desterra,
Consta-me haver desterrado.
O Natal da Minha Terra.

A. R. Saraiva.

Londres, 19 de Dezembro de 1845.

N'UM ALBUM

Antonio Ribeiro Saraiva manejava com igual facilidade, além do portuguez e do latim, o francez e o inglez. Esta affirmativa se comprova com a formosa poesia abaixo, cuja historia elle nos apresenta n'estas interessantes linhas, que mostram toda a requintada delicadeza de um trato aprimorado com as musas e a sociedade:

«É um tanto exquisito, que antes de eu vir para Inglaterra, tendo tratado com tanta gente alta — Reis, Principes, Duques, Marquezes, Embaixadores, Ministros, Bispos, Arcebispos, Generaes, &c. — havia tido pouquissimo trato com a sociedade commum e ordinária dos salões. Assim, confesso, para minha vergonha, que nem sabia da existencia de *Albos*, quaes, neste meio século, se tornaram tão communs. Uma Senhora aqui me apresentou um que tinha, requerendo nelle escrevesse alguma cousa, e me entregou o livro para o effeito. Pareceu-me que, não sabendo ella Portuguez, seria mau gosto escrever ali em nossa lingua. Quando em casa abri o volume, sem saber muito o que nelle havia de escrever, encontrei no alto de uma folha, toda no resto desoccupada, uma borbota primorosamente representada. Aproveitei o assumpto, e abaixo escrevi o seguinte, que não deixou de agradar:

De la pourpre et de l'ar le voyez-vous qui brilla?
Ce n'est qu'un narvenu, la ci-devant chenille,
Le ver au corps velu, bideux, tout dégoûtant,
De la laideur enfia symbole rebutant.

Qu'il tombe, a'ant le jour de sa métamorphose,
Sous les yeux d'une belle admirant une rose,
Ou que fortivement sur sa robe glissé,
Il y traîne en rampant son corps long et plissé:
Au loin, avec un cri, la fleur serait jetée,
Ou par l'effroi la robe avec force agitée.
Heureux le pauvre insecte objet de tant d'horreur,
S'il n'est point écrasé sous quelque pied vengeur.

Devenu papillon, on le flatte, on l'admire,
C'est à qui le veut prendre, à qui plus le désire,
Et souvent même encore on le voit, expiré,
Brillant, riche momie, en beau chassis doré.

Cependant la chenille, et laide et rebutante,
Entre d'autres vertus, est modeste et constante:
Le plus petit arbuste est son humble berceau,
Elle y croît, elle y vit, elle y fait son tombeau.

Courant de fleur, papillon volage,
De la folie inconstance est la vivante image,
Et, délicat comme elle, il ira sans façon,
De la ranee au jasmin, de la rose au chardon.

Comme, en vivant de peu, la modeste industrie
Soutient du grand oisif et le faste et la vie,
Le ver qu'à peu de frais son arbuste nourrit,
Des belles et des rois donne le riche habit,

Hé bien! du papillon l'existence futile
Ne s'honore jamais par un travail utile:
L'égoïsme est son dieu, son seul but le plaisir,
Son histoire est voler, propager et mourir.

Tel est d'un best dehors le trompeur avantage;
Par lui «ot ou nias sont préférés au sage:
Mais s'il donne le change à l'œil peu clairvoyant,
La raison le suivra de son regard perçant,
Qui, s'entendant à voir chaque chose à sa place,
A coutume d'aller plus loin que la surface:
Et qui dira, voyant cheville et papillon,
La sagesse vaut mieux que la presumption.

Antonio Ribeiro Saraiva.

AS CORPORAÇÕES D'ARTES E OFFICIOS

A antiguidade não conheceu a liberdade do trabalho nem a honra d'elle; é por isso que as profissões manuaes foram durante tantos seculos condição exclusiva dos escravos e dos prisioneiros de guerra. Para confirmar este facto, não é preciso remontar ás civilizações primordiales, aos egypcios e aos assyrios, basta que se examine um pouco a historia dos gregos e dos romanos.

Nestes dois povos, dá se todavia um contraste frisante sob tão grande oppressão, é que a sciencia e a arte attingiram um extraordinario desenvolvimento, que o amor patrio tanto sublimou, dando-lhes assim a mais formosa epoca da antiguidade classica.

A escravidão, vinda do Oriente, passando pela Grecia e demorando-se no Lacio, foi uma nuvem escura que empanou o brilho d'essas civilizações tão notaveis; mas apesar de tudo tornou-se uma necessidade, e constituiu talvez um progresso em relação a estados anteriores.

Depois, a politica dos imperadores romanos e as conquistas do Christianismo multiplicam os cidadãos pela emancipação dos escravos. Os homens de trabalho elevaram-se na hierarchia social á medida que o patriciado tentava soerguer-se nas vascas da ultima agonia.

Quando o imperio cahiu, já se encontrou bastante desenvolvida essa nova classe media, que mais tarde tanto poder havia de adquirir, mau grado a nobreza guerreira e o despotismo feudal.

A invasão dos barbaros demorou o jugo do trabalho, porem a escravidão nem um momento sequer deixou de perder terreno. E a servidão mediaval, logo que teve alguma força, produziu o movimento das corporações de officios, em que o trabalho, occupando as mesmas legiões de operarios, se nobilitou um pouco e estes se livraram da oppressão e do desprezo em que viviam.

É difficil o estudo d'estas primeiras instituições operarias, porquanto a situação economica do maior numero só muito tarde conseguiu atrahir a attenção dos auctores. As investigações sobre a vida do povo, do movimento das officinas e dos modestos ganhos dos operarios, são recentes e pouco adiantam. Fazer luz n'essa penumbra é tarefa quasi impossivel.

N'um estudo geral da historia da industria, é indispensavel conhecer quanto a organização social dos tempos mediavaes impulsionou a arte e o trabalho, com o agrupamento dos operarios e artistas em corporações de artes e officios.

A burguezia — essa nova classe tão rica e tão diligente — tem n'ellas a sua origem, e isto basta para seu elogio.

Na confusão e nos continuados conflictos de que foi testemunha a E. J. Media, os operarios reuniam-se, segundo os seus officios, sob a invocação da Virgem e dos santos tomados para seus patronos, e isto auxiliou bastante o desenvolvimento do Christianismo.

O espirito de confraria é indicado com uma feição característica dos costumes romanos, mas devemos oppôr que os povos do Norte tiveram tambem as suas confrarias, gildes e associações, como igualmente possuiram o municipio, essa instituição tão importante entre os romanos.

É na Germania que as corporações de artes e officios teem o seu inicio. Na antiga Roma, havia, é certo, alguns collegios de operarios, mas podemos avaliar da sua vitalidade recordando que os romanos achavam o trabalho degradante para homens livres.

Todavia, com os ultimos Cezares, as corporações d'artes e officios adquirem uma maior importancia. Foi Alexandre Severo quem instituiu para todos os officios as respectivas corporações, que, embora distinctas, estavam comtudo sujeitas a uma regulamentação fixa.

No anno 364, Valentiniano I confirmou os privilegios concedidos pelos seus antecessores e fomentou largamente a organização de associações,

cujos membros, ligados indissolvelmente ao seu officio, se acharam impossibilitados de se libertarem a si e aos seus descendentes, levando-se a um extremo tal este rigor que uns herdavam dos outros.

Na verdade, as primitivas corporações eram de um despotismo feroz

Ao preceito da longa aprendizagem, juntava-se a companhia forçada na factura de uma obra de qualquer e diverso mister e a difficuldade de obtenção da carta de mestre. E, embora estas peias constituissem graves obstaculos á liberdade individual, permitiram sem duvida um grande progresso nas artes e na industria.

A liberdade não exclue as associações, porque o direito de agremiação é um dos seus elementos, mas tambem não admite senão voluntariamente os seus socios, deixando a cada um carreira aberta ás suas proprias faculdades.

Os germanos, os romanos, e ainda os francezes, tinham nas suas corporações preceitos rigorosos que muitas vezes foram levados a um extremo terrivel.

Assim, só era permitido ao operario o casarse, quando houvesse alcançado a carta de mestre, para o que tinha de sujeitar-se a um exame, em que os examinadores eram aquelles mesmos que lhe temiam a concorrência. Ao official de certo officio não lhe era licito deixal-o, e d'esse rigor proveio talvez a decadencia.

Quando as cousas se regularam melhor, quando o poder real se concentra n'uma unidade incompativel com o feudalismo, é que na Europa as corporações se instituem com uma organização mais avancada.

Até então, em muitas cidades e villas, as corporações d'artes e officios tinham constituido a principal força guerreira, e n'aquellas onde havia municipio a sua influencia tornou-se muito grande, sendo tanto maior quanto a industria estava mais florescente.

Não obstante estas corporações gozarem d'um verdadeiro monopolio, e por vezes a politica as distrahia do trabalho; comtudo, como tinham que combater a concorrência extranha, punham ellas o seu maior cuidado em conservar os productos no antigo apuro e reputação.

É analysar os seus esforços e ler os respectivos regimentos de cada officio.

Não se applicava então em geral o absurdo systema de prohibir os productos da industria estrangeira para proteger a industria nacional, concorrendo para isto que poucos principes gostariam de desfalcicar os rendimentos das suas alfandegas.¹

Em dezembro de 1581, Henrique III, de França, dá ás corporações d'artes e officios uma lei geral. Estabelece os officios em comunidades nas diferentes terras do reino, e em editos successivos preceitua a aprendizagem, etc., reservando para a sua pessoa o *direito ao trabalho*, que, como um direito real, só o soberano podia conceder em renda, ou gratuitamente e a seu talante.

Foi com a revolução de 1789, que a França estabeleceu a liberdade de industria, decretando então a Assembléa Nacional a liberdade do trabalho.

Em Portugal, graças á civilização romana, que impediu o feudalismo, nunca as corporações d'artes e officios tiveram taes extremos. Alguns preceitos tinham comtudo que hoje se não comprehendem mas que á historia e á sociologia resta ainda decidir se eram bons ou maus.

A reversão ás antigas corporações, adaptando o seu systema ao espirito moderno, parece que será a melhor garantia da paz social.

As comunidades d'artes e officios chamou ha pouco um escriptor francez: *as associações profissionais de hontem, hoje e amanhã*² tal é a sua convicção na reversão que apontamos.

Na epoca da Renascença, as corporações de artes e officios de cada paiz viram apparecer successivamente os membros de uma grande associação, tão numerosos como habets, que depois de terem sido empregados pela igreja latina nas suas obras, se espalharam pela Europa, formando uma companhia edificadora.

Pelos principios do seculo x, haviam-se estabelecido na Lombardia um grande numero de confrarias de artistas seculares, as quaes creadas e

¹ Luigi Obrato — *Economia politica na Edad Media* — I, 111 — Cap. 3.

² *Histoire des Corporations de métiers* — por Etienne-Martin Saint-Léon — Paris — 1897.

protegidas pelo clero, tomaram o nome geral de *franco-maçonaria* ou de *pedreiros livres*, cujos associados obedeciam a preceitos semelhantes aos das corporações de officios, apresentando comtudo um caracter muito especial.

Eram, pois, os membros d'essa grande companhia que surgiam como um reforço artistico, vindo através do Norte da Europa, e aggregando a si allemães, francezes, belgas, e até gregos.

Essas series de aggregados constituíam *lojas*, em que cada dezena de associados obedecia a um chefe, em relação com os outros mestres de lojas, todas em activa communicação com a principal direcção, correspondendo-se n'uma linguagem secreta de signaes maçonicos, para que individuos estranhos á grande associação se não aproveitassem dos seus privilegios e beneficios.

Era por meio d'esses signaes que os companheiros se reconheciam. Era com juramentos e provas terriveis que os obreiros se matriculavam na associação, comprometendo-se solemnemente cada novo iniciado a não revelar o segredo dos engenhosos signaes com que se entendiam e a occultar de estranhos todos os processos e regras do officio.

A *franco-maçonaria* se deveu a alta perfeição scientifica adquirida nas artes e nos officios, e com a sua morte obliterou-se até a tradição preciosa dos processos technicos que por tantos seculos os seus associados guardaram fielmente.

Esteves Pereira.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

V

Mourine curvou-se, muito, muito, cumprimentando e assim ficou por muito tempo, sempre a limpar as barbas.

Yaroslav Iliitch não sabia onde metter-se.

— Honrado homem! arriscou elle para disfarçar a turbacão. Como poudé haver com elle um mal entendido, Vassili Mikhaïlovitch? . . . Mas tambem me disseram que havia estado doente, acrescentou com lagrimas nos olhos e olhando para Ordinov com infinita atrapalhação.

— Estive. . . Quanto lhe devo? perguntou Ordinov a Mourine.

— Veja, barine, paesinho, veja! Nós não somos os que venderam a Christo! Porque tanto offender-se, senhor? Pois não tem vergonha? Em que foi que nós o offendemos, nós, eu e a minha mulher?

— Entretanto isso não se faz, meu amigo; alugou quarto em sua casa. Deve perceber que a sua recusa o offende, irterveiu Yaroslav Iliitch, considerando-se obrigado a demonstrar a Mourine toda a indelicadeza da sua forma de proceder.

— Vamos, vamos, sr, barine! Em que foi, mais uma vez lh'o pergunto, em que foi que fizemos offensa á sua honra? Tanto cuidado nos mereceu seu serviço que ambos estamos esfalfados! Vá, sr., vá, barine, Christo lhe perdoe! Seremos nós uns infieis, uns malditos? Mas poderia ter vivido connosco teria (por motivo de saude, por exemplo) comido connosco nossa comida de moujik, teria dormido sob o nosso tecto, e nada teriamos n'isso que censurar, nada. . . Nem palavra diriamos. Mas o demonio foi quem o empurrou, eu cabi doente, a patrão doente tambem, que haviamos de fazer? Não havia ninguem para servir-o, e, entretanto fôra tanto da nossa vontade! . . . Mas tambem como vamos orar a Deus por Vossa Graça, a patrão e eu, como vamos orar!

Mourine curvou-se até á cintura. Lagrimas de enthusiasmo manaram dos olhos d'Yaroslav Iliitch.

— Que rasgo! exclamou. O' santa hospitalidade da terra russa!

Ordinov mirou-o dos pés á cabeça com ar feroz.

— Palavra, sr., disse Mourine pegando na ultima palavra de Yaroslav Iliitch, nada estimamos tanto como a hospitalidade! E tanto, sr., (e aqui Mourine cobriu inteiramente as barbas com a manga) e tanto que até lhe peço que se demore nms dias em nossa casa. Pois ha de ficar, continuou, approximando-se de Ordinov, ha de ficar, que até me convinha; ficaria um dia, dois dias, não diria nada. Mas o peor é que a patrão está doente! . . . Ah! se não fosse a patrão! Se por exemplo eu fosse só! Como eu o havia de tratar! creia-me, como o eu havia de tratar! Havia de prodigalizar-lhe todas as honras, todas! Eu

sei d'um meio. . . Por Deus, ha-de ficar em nossa casa, juro-o por Deus! Isto é que são palavras! . . . Ficaria se. . .

— Não haveria com effeito algum meio? . . . observou Yaroslav Iliitch, e não acabou.

Ordinov andara mal lançando a Yaroslav Iliitch um olhar tão feroz. Era o mais honrado e o mais nobre dos homens. Mas era tão difficil a situação de Ordinov! Para dizer toda a verdade, Yaroslav Iliitch tinha uma douda vontade de desatar a rir. Por certo não soubera conter-se se estivera a sós com Ordinov—amigo como eram! — e teria sido á vontade. Em todo o caso teria, depois de haver rido, apertado com toda a effusão a mão de Ordinov, assegurando-lhe sinceramente que sentia por elle uma estima dupla e que lhe perdoava. . . enfim que lhe não levava a mal certos desvarios proprios da mocidade. Mas sua extremada delicadeza não lhe permitia, n'aquelle estado de coisas, escolher livremente uma attitude e não sabia onde metter-se.

— Um meio, um remedio. . . continuou Mourine, cujas feições todas se movêram ao ouvir a desastrada exclamação de Yaroslav Iliitch. Aqui tem, barine, o que eu lhe sei dizer em minha estupidez de moujik, aqui tem, continuou dando mais dois passos para a frente: tem muito talento, sr., tornou-se por demais intelligente. Como se diz em russo, em nossas casas de moujiks, é tão intelligente que deve dar em doido.

— Basta! interrompeu Yaroslav Iliitch com severidade.

— Vou-me embóra, disse Ordinov. Obrigado, Yaroslav Iliitch. Com certeza hei de vir outra vez visital-o, respondeu elle ás amabilidades de Yaroslav que não era capaz de retel-o mais tempo, adeus, adeus.

— Adeus, Vossa Nobreza, adeus, barine, não se esqueça de nós, nós moujiks tambem ficamos á espera da sua visita.

Mas Ordinov já o não escutava. Sabiu como alucinado.

Não podia suster-se. Ia como se o tivessem morto. Levava a consciencia insensibilizada. Suffocava, mas sentiu como que um frio interior que lhe tomava todo o peito. Queria morrer! As pernas tremiam-lhe; sentou-se ao pé d'um vallado, sem dar tento de quem passava, da gente que principiava a accumular-se em volta d'elle, das perguntas dos curiosos que o rodeavam.

De repente por entre as voses distinguio a de Mourine.

Ordinov ergueu a cabeça. O velho estava em frente d'elle. Seu rosto pallido era solemne e scismador. Não era o homem que tão grosseiramente havia mofado d'elle em casa de Yaroslav Iliitch. Ordinov levantou-se, Mourine pegou-lhe na mão e afastou-se da gente.

— Ainda tens que ir buscar os teus trapos, disse olhando de lado para Ordinov. Não te desconsolares, barine, es novo, porque te has de desconsolar?

Ordinov não respondeu.

— Offendeste te, barine, irritaste-te: porque? Cada qual defende o seu bem.

— Não o conheço, disse Ordinov, nada quero saber dos seus misterios. Porém ella, elias! . . .

Lagrimas abundantes correram de seus olhos. Limpou-as com as costas da mão. Gesto, olhar, fremitos convulsos dos labios embranquecidos, tudo n'elle presagiava a loucura.

— Já te disse, respondeu Mourine franzindo o sobrolho, que ella é quasi doida. Porquê e como? . . . Que te importa? Como ella é, assim eu a adoro, mais que a minha vida e não hei de ceder-a a ninguem, percebebeste agora?

Uma chamma brilhou nos olhos de Ordinov.

— Mas porque. . . porque estou eu como morto? Porque me faz soffrer tanto meu coração? Porque havia eu de conhecer Catherina?

— Porquê?

Mourine sorriu-se e ficou pensativo.

— Porque? Não sei, disse porfim. Um coração de mulher não tem a profundeza do mar. Por ti o has de aprender! E a verdade, barine, é que ella queria fugir de minha casa contigo, esta é a verdade, despresava o velho, já cuidava ter-lhe roubado toda a vida que elle tivesse. . . Agrajaste-lhe assim de repente ou foi simples precisão de mudar? Pois olha que não a contradigo em nada; se ella m'o pedisse dava-lhe leite de passarinho. Ella é orgulhosa. Queria ser livre, mas depois não saberia o que fazer da liberdade. Portanto mais vale que tudo fique como está. Tu, barine, és muito novo, tens o coração á escaldar; ahí estás como menina abandonada limpando tuas lagrimas á manga. É que não tens experiencia,

não sabes que um coração fraco é incapaz de conduzir-se a si mesmo. Dae-lhe tudo, e elle volta e vol-o torna a trazer. Dae-lhe um reino, e elle virá esconder-se na vossa bota. . . É assim, ha de fazer-se pequenino para tal poder. Dae-lhe a liberdade e novas cadeias elle mesmo ha de forjar. A liberdade não se fez para os corações fracos. Digo-lhe tudo isto porque é tão novo. Quem é para mim? Chegado, ido, o sr. ou outro, que me importa? Desde o primeiro dia logo vi como tudo havia de passar-se. Mas contradizel-a não devia: nem uma palavra deve arriscar de través quem tem amor á felicidade. Entretanto, barine, estas coisas dizem-se, continuou Mourine dando-lhe para philosophar, mas o que é que a gente faz? Bem o sabe, n'um momento de colera pega-se n'um punhal! Ou então staca-se o inimigo durante o sonho e rasga-se-lhe a garganta com os dentes! Mas se então te mettessem o punhal nãs mãos e que o teu proprio inimigo te descobrisse seu peito, vamos! então recuavas! . . .

Entraram no pateo: o tartaro avistou de longe Mourine e tirou o barrete, ao mesmo tempo olhando maliciosamente para Ordinov.

— Tua mãe está em minha casa? gritou-lhe Mourine.

— Está.

— Dize-lhe que ajude o barine a tirar as suas coisas. E tu tambem, mexe-te.

Subiram

A velha que servia em casa de Mourine e que era mãe do dvornik, arou, sempre resmungando, o fato de Ordinov n'uma grande trouxa.

— Espera, quero ainda trazer-te uma coisa. . . Mourine entrou no quarto d'elle e, voltando, deu a Ordinov uma rica almofada bordada com seda e lã, a mesma que Catharina lhe havia posto sob a cabeça, quando estivera doente.

— Ella é quem t'a manda. E agora vai em paz e passa bem. . . Mas cautela, não rondes por aqui ou mal te sahirás. . .

Disse tudo isto a meia voz, em tom paternal, percebendo-se que não queria offender Ordinov. Entretanto um ultimo olhar só exprimia um sentimento infinito e foi quasi com asca que fechou a porta nas costas do rapaz.

Duas horas depois, Ordinov estabelecia se em casa do allemão Shpis. Tinchén, quando o viu, disse: Ah! Logo lhe perguntou novas da saude e quando soube que «se não sentia bem», prometeu tratar d'elle. Shpis fez com que o inquilino observasse que ainda não havia tornado a pôr o escripto na porta: «mas estava para pol-o n'esse mesmo dia, em que, começando-se a contar desde o aluguer o signal se consummír» até o ultimo kopeck». Shpis aproveitou a occasião para celebrar a exactidão e a honradez allemã.

Nesse mesmo dia Ordinov cahiu doente. Só tres mezes depois se levantou.

Pouco a pouco, voltou-lhe a saude. Principiou a sahir. A vida em casa de Shpis era uniforme, sem incidentes. O allemão tinha bom genio; a linda Tinchén era o melhor que podia sonhar-se. Mas a vida aos olhos de Ordinov perdêra todo o encanto. Tornara se irritavel, doentiamente impressionavel. Cahiu pouco e pouco em muito taciturna hypocondria. Durante semanas inteiras não abriu um livro. Não lhe importava o futuro. Exgitava-se-lhe o dinheiro e elle deixava correr as coisas sem cuidar o dia seguinte. Por vezes a febre do trabalho, seu antigo ardor, todas as miragens do passado se lhe impunham claramente á lembrança; mas a idéa não se transformava em acção. Ordinov sentia se esterilizado e parecia-lhe que era de proposito que as visões, para mofarem da sua impotencia d'elle, tomavam em sua phantasia proporções gigantes as. Em horas de tristeza a si mesmo com parava ao discipulo leviano do feiticeiro: por meio d'uma palavra que roubou ao amo, ordena á vassoira que traga agua para o quarto e n'esta se afoga, porque não sabe como se diz:—Basta! Ordinov teria talvez concebido alguma idéa original, haveria de ter talvez um bom futuro, pelo menos assim o havia crido, e uma fé sincera é o melhor penhor do futuro. Mas agora ria d'essas convicções e desinteressava-se de todos seus grandes projectos.

Seis mezes antes, vivia em sua criação, ora n'ella trabalhando, ora, nas horas de cansasso, n'ella fazendo allicerces — se era tão novo! — de suas immateriaes esperanças. Era a sua obra uma historia da Igreja, e com que ardente fanatismo fizera seu primeiro esquisso! Agora relia os planos, remodelava-os; fez uma busca, mas logo abandonou a idéa sem coisa alguma fundar sobre suas proprias ruinas. Uma especie de mysticismo, fatalismo misterioso, invadia-lhe a alma. Soffria e implorava a Deus lhe puzesse termo aos soffrimentos.

(Continúa).

EFFECTOS TOXICOS DO TABACO

O vicio pelo tabaco, hoje tão accentuado, já data de longos annos.

Quando Christovão Colombo e seus companheiros, em 1492, chegaram a Cuba, tiveram occasião de presenciar, no momento do desembarque, grande numero de homens, mulheres e creanças saboreando o fumo produzido pela combustão das folhas de uma planta que até então se desconhecia. Notava-se-lhes nas physionomias um certo ar de contentamento e satisfação, o que parecia demonstrar o apreço que essa gente dava á aspiração d'aquelle fumo.

As folhas d'essa planta, denominada pelos indigenas *Tabacos*, eram convenientemente enroladas por uma fôrma que se assemelhava muitissimo ao modo como hoje se fabricam os nossos charutos.

Uma das extremidades do rolo assim preparado era introduzida nas narinas do individuo que aspirava o fumo, lançando-lhe fogo no extremo opposto.

Era esta a fôrma primitiva de fumar, fôrma ainda hoje adoptada entre os povos selvagens.

Facilmente se propagou na Europa o gosto pelo tabaco, visto que cerca do anno de 1518, Cortez enviava sementes d'aquella planta a Carlos V, e João Nicot, embaixador de Francisco II em Portugal, presenteava de igual fôrma a rainha Catherina de Medicis.

Do nome d'este embaixador se derivou mais tarde a designação, porque ainda hoje é conhecida, do principio activo do tabaco, a *nicotina*.

Pouco depois começaram a apparecer os fumadores na Hollanda, Belgica e Allemanha, tendo-se em seguida rapidamente espalhado o gosto pelo tabaco em todo o mundo.

Nada ha realmente que mais possa distrahir o espirito do individuo do que o poder apreciar o fumo de um esplendido charuto ou de um delicioso cigarro. O tabaco é o verdadeiro companheiro do homem, que o entretém quando se acha só, aborrecido, sem ter ninguem com quem possa dar dois dedos de conversa.

Mas, se por um lado o tabaco nos dá prazer, é certo que elle tambem pôde dar origem a grandes prejuizos na nossa saude. E' assim que, do abuso constante do tabaco, podem resultar phenomenos d'irritação maiores ou menores, locuas ou geraes, consoante a quantidade por cada um consumida.

Se o utilizarmos em doses fracas, comprehendese facilmente que o estrago que occasiona á saude é muito menor; poderá originar-se uma ligeira excitação momentanea seguida de um estado de fraqueza e lassidão; mas, se se abusar fortemente d'este vicio, então os seus effectos logo se manifestam por uma pallidez sensível no rosto, uma respiração que a pouco e pouco se vae dificultando e um enfraquecimento progressivo na intelligencia e memoria do individuo que pratica esse abuso.

Esta acção toxica é quasi que exclusivamente devida á presença, no tabaco, do alkaloido, a que já tivemos occasião de nos referir, a *nicotina*. Tem, com effecto, um poder toxico enorme, constituindo um dos venenos mais violentos.

O uso de boquilhas para evitar o contacto directo do charuto ou do cigarro com a bocca, attenua talvez um pouco este inconveniente, mas não satisfaz plenamente porque, se parte da *nicotina* fica retida junto ás paredes da boquilha, o que é certo é que, arrastada com o fumo que entra na bocca do individuo no momento da aspiração, outra parte penetra n'essa cavidade, embora em muito menor quantidade do que aquella que entraria sem o seu emprego.

Não vem, por conseguinte, modificar, o emprego das boquilhas, todos os inconvenientes que até então existiam no tabaco.

O illustre hygienista Bouchardot, no seu tratado de hygiene menciona esses inconvenientes consoante o seu modo de applicação; assim recomenda este senhor que o melhor meio de o tomar como sendo o menos prejudicial á saude, é o de



IDILIO PASTORIL.

cheirar o tabaco e aspirar o pelo nariz, embora tal facto produza mais tarde a ausencia completa de sensibilidade no olfato, não dando, comtudo, logar a todas as outras consequencias que ha pouco citámos.

O tabaco que se fuma produz seccura na lingua, ennegrecimento dos dentes, inflamação nos labios e engrossamento da voz pela accumulção da *nicotina* nos pulmões.

Um meio tambem condemnavel é o emprego de cachimbos, que dá muitas vezes logar ao apparecimento, nos labios, de molestias de aspecto canceroso.

Em conclusão: Se o tabaco nos faz passar momentos deliciosos, não são estes, comtudo, compensados pelos estragos que elle causa ao nosso organismo.

26—5—900.

Antonio A. O. Machado.

IDILIO PASTORIL

Desde Virgilio, talvez desde muito mais antiguidade, o pastorito com a sua flauta e a ovelhinha ao longe, meiga e symbolica, tornaram-se classicos.

O que ás avenas teem cantado debaixo das faias do mundo inteiro! O que ellas teem dito e com que fantasia poderosa os poetas o teem traduzido! Que obras primas se inspiraram na melodia simples e pittoresca d'uma flauta de pastor!

Lindos são os idilios de Bernardim Ribeiro, de Camões, de Rodrigues Lobo, de João Xavier de Mattos!

Giumes, queixas, saudades, contentamentos, todos os estados d'uma alma, os pegureiros confiaram ás sete notas. E ellas inspiraram os melhores dos hexâmetros latinos, os mais bellos heroicos e lindas redondilhas portuguezas.

Pintores, esculptores, poetas, a todos o quadro bello e simples tem encantado. Oito furos n'uma cana... Que mais é preciso, quando se é artista?

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Garrett e o pantheon — por Theophilo Braga — Coimbra, 1900.

E' um pequenino opusculo, oito paginas apenas, vindo n'elle transcripto um artigo que Theophilo Braga fez publicar no *Conimbricense*, associando o seu nome authorisado á campanha levantada no sentido de ser trasladada para o pantheon dos Jeronymos a ossada do immortal auctor das *Viagens na minha terra* e do Fr. Luiz de Sousa. Em poucas palavras, o erudito auctor do artigo, mostra a influencia que Almeida Garrett exerceu na sociedade da sua epocha, poeta primoroso, prosador do mais fino quilate, parlamentar distinctissimo, jornalista, homem politico, e accumuladas em torno de tão elevados merecimentos as invejas, os odios, os despeitos, assombreado-lhe a aureola do seu alto valor, amargurando-lhe os ultimos dias da sua proveitosa existencia.

«Todos esses despeitos, escreve o sr. Theophilo Braga, contra o poeta que adherira ao partido da soberania nacional, foram-se esbaltando com o tempo, e por isso é ao julgamento d'um seculo que compete o collocar o na situação suprema e indiscutivel de um representante da humanidade.»

Como tudo que é devido á penna do notavel academico, o artigo lê-se com prazer, e deve por certo concorrer para que seja prestada, embora tardiamente, a Almeida Garrett, a homenagem a que tem incontestavel direito.

Pomos de amor por Ernesto de Paula Santos, Recife — Atelier Miranda. Editor, — 1899.

Não se pode dizer, em sã verdade, que sejam impeccaveis os versos do moço poeta brasileiro, porque forçosamente ha de ser novo quem ainda vê:

Um sussurro d'amor por toda a parte...
Aspirações de gloria, sonhos de arte,
Almas errantes, corações dispersos...

mas ha inspiração nas suas composições e espontaneidade na môr parte d'ellas. Porventura um certo descuido na fôrma, mas em vez de constituir um defeito, isso demonstra talvez que o poeta não quiz sujeitar a nenhuma convenção os caprichos da sua musa inspiradora.

Tem imagens muito bem achadas, como por exemplo esta:

O beijo é como a taça que se quebra
D'onde o champagne do goso se derrama
E espumante se espalha,
N'uma coloração rubra de flamma,
De noss'alma na alvissima toalha.

Na consciencia da sua força, o poeta sabe que é invejado e exclama indignado, dirigindo-se á sua amada:

Eu bem sei que a maldade nos espreita,
E ha muita inveja em torno á nossa vida!

Zombam da nossa seita!
Sabes porque, querida?
Porque é o sestro dos tolos

Motejar dos amantes e dos crentes:
Nossa ventura causa desconsoles,
Riem-se de nós p'ra parecer contentes.

Resumindo, lêem-se com muito agrado as trinta e duas composições que preenchem as cento e vinte e tres paginas dos *Pomos de amor*, e se o sr. Paula Santos persistir em cultivar a arte do verso, ha de acabar por corrigir pequenos defeitos que a sua primeira obra accusa (cremos que é esta a primeira publicada), e chegar a occupar um logar distincto entre os modernos poetas fluminenses. Sobram-lhe para isso talento e disposição.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.